

LUIZ NEMER NETO

**REPORTAGEM MULTIMÍDIA: O  
CONFLITO ENTRE A URBANIZAÇÃO  
DE VIÇOSA E O RIBEIRÃO SÃO  
BARTOLOMEU**

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2010

LUIZ NEMER NETO

**REPORTAGEM MULTIMÍDIA: O CONFLITO  
ENTRE A URBANIZAÇÃO DE VIÇOSA E O  
RIBEIRÃO SÃO BARTOLOMEU**

Projeto Experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Carlos Frederico de Brito d'Andréa

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2010



Universidade Federal de Viçosa  
Departamento de Artes e Humanidades  
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Projeto Experimental intitulado, *Reportagem Multimídia: o conflito entre a urbanização de Viçosa e o Ribeirão São Bartolomeu*, de autoria do estudante Luiz Nemer Neto, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Prof. Ms. Carlos Frederico de Brito d'Andréa – Orientador  
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

---

Prof. Ms. Erivam Moraes de Oliveira  
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

---

Aguinaldo Pacheco  
Arquiteto e Urbanista

Viçosa, 18 de novembro de 2010

Desconfiai do mais trivial, na aparência singelo. E examinai, sobretudo, o que parece habitual. Suplicamos expressamente: não aceiteis o que é de hábito como coisa natural, pois em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada, de arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada, nada deve parecer natural nada deve parecer impossível de mudar.

B. Brecht

## **Agradecimentos**

No primeiro período, um professor falou que não deveríamos sair da universidade formados, mas sim deformados. Para ele, se não mudamos nada ao longo da graduação, significa que não aprendemos nada. Continuamos moldados. É bom perceber que não me sinto formado e que, além do meu curso e da “vida campesina”, muitas pessoas contribuíram para isso. Meus pais, que continuaram sabendo dizer "sim" e “não” nos momentos certos (mesmo que a distância), que sempre me apoiaram e me receberam alegres quando voltava pra casa. Meus amigos, que viraram noites estudando, bebendo ou conversando. Minha namorada, que sem pensar duas vezes, me acompanhou e ajudou mesmo quando estava errado. Minha avó Elzinha, exemplo de vida. Obrigado por me deformarem.

## **Resumo**

O presente Projeto Experimental aborda um problema comum em diversas cidades brasileiras: a urbanização acelerada que provoca danos ao meio ambiente. Por meio de uma reportagem multimídia (disponível em [www.com.ufv.br/vicosaurbana](http://www.com.ufv.br/vicosaurbana)) são discutidos os prejuízos que o crescimento urbano causou ao Ribeirão São Bartolomeu, no município de Viçosa, na Zona da Mata Mineira. Fotografias, audioslides e textos mostram a atual situação do local onde a especulação imobiliária se sobrepõe aos cuidados com a natureza e à segurança da população.

**Palavras-chave:** reportagem multimídia; urbanização; ribeirão São Bartolomeu; Viçosa.

## **Abstract**

This Experimental Project is about a common problem in several Brazilian cities: the quick urbanization that causes damages to the environment. Through a multimedia report are discussed the damage that the urban growth has caused to the São Bartolomeu river, in Viçosa, Zona da Mata Mineira. Photographs, texts and audioslides shows the current situation of where real estate speculation overlaps the takes care for nature and the safety of the population.

**Key words:** multimedia report; urbanization, São Bartolomeu river, Viçosa.

## **Lista de figuras**

<b>Figura 1:</b> Reprodução da página inicial da reportagem multimídia.....	28
---	----

## Sumário

1.Introdução.....	9
Discussão Teórica.....	12
3. Relatório Técnico.....	18
4. Conclusões.....	30
Referências Bibliográficas.....	31



## 1. Introdução

Dentre os vários debates atuais sobre o fazer jornalístico, um deles chama bastante a atenção: ainda é viável fazer uma grande reportagem dentro de um mundo que vive uma tendência de produzir – não só no âmbito do jornalismo – cada vez mais rápido?

Diversas empresas de comunicação vêm trabalhando com o factual, porém de maneira superficial. Matérias analíticas se tornam cada vez menos privilegiadas dentro das grandes redações do ramo impresso. Por outro lado, ainda há espaços em revistas e na internet, por exemplo, para a elaboração de conteúdo aprofundado.

A *web* se mostra cada vez mais como um ambiente de liberdade, capaz de potencializar qualquer tipo de ação. Dessa forma, percebe-se que ela se tornou uma plataforma, principalmente com o desenvolvimento da *web 2.0*, em que o jornalista pode construir uma matéria utilizando áudio, vídeo, texto, fotografia e outras ferramentas multimídia, além de se comunicar com o público e permitir que ele colabore com algumas informações.

A multimídia, definida por Palacios (2003) como uma das características do jornalismo online, se refere à convergência dos formatos das mídias tradicionais na narração do fato jornalístico. Ao fazer uso dessa especificidade do jornalismo na rede, o conteúdo pode ser transmitido de forma mais atrativa e com maior quantidade de conteúdo graças à agregação e à complementaridade dos formatos.

Tendo isso em vista, alguns jornais começaram a utilizar os benefícios trazidos pela internet. Um deles, o norte-americano *The New York Times*, está investindo em infográficos interativos e audioslideshows<sup>1</sup>, o que ainda é pouco experimentado no Brasil. Há um esforço por parte de outros jornais do mundo todo para transformar a matéria disponibilizada na *web* em um produto mais interessante por meio de elementos multimídia.

No Brasil também é possível encontrar veículos de comunicação (não só na internet) adotando uma postura semelhante a dos estrangeiros, entretanto são poucos os que fazem isso.

Em Viçosa (MG), encontramos três jornais de pequeno porte, uma emissora de TV educativa, quatro rádios FM e uma AM e nenhum site voltado especificamente para

---

<sup>1</sup> Disponível em <<http://>> Acessado dia 03/12.

o *webjornalismo*. Esses meios buscam, dentro de seus limites, noticiar o dia a dia viçosense, porém quase todos ainda de maneira tradicional, sem adotar novas formas de se comunicar e informar, proporcionadas pelas tecnologias de informação.

A ausência de um site jornalístico dedicado à cidade também é uma constatação importante. Estudos apontam que existe um movimento de migração dos consumidores de notícia para o ambiente digital e que, principalmente os mais jovens, têm se informado majoritariamente por esse meio. Uma pesquisa realizada pelo [Pew Internet and American Life Project](#)<sup>1</sup> aponta que, nos Estados Unidos, a internet já superou os jornais como forma de obter notícias (GHEDIN, 2010). A partir daí observa-se uma necessidade de investimento nessa área.

Viçosa, localizada na Zona da Mata do estado de Minas Gerais, é uma cidade com 70 mil habitantes e de tradição agrária. A presença a Universidade Federal de Viçosa (UFV) há mais de 80 anos, no entanto, vem modificando as características do município. Por causa da UFV, a cidade apresenta uma população flutuante de aproximadamente 12 mil pessoas – majoritariamente estudantes e professores – que se muda para a região para poder estudar e trabalhar, o que implica em investimentos em diversas áreas do setor de serviços.

Entre essas áreas, um ramo que dá um grande retorno financeiro é o imobiliário. Alugar ou vender casas e apartamentos se tornou um grande negócio em Viçosa, o que levou a cidade, principalmente na região central, a passar por um processo de verticalização atípico de municípios com porte semelhante. Tal verticalização, entretanto, vem trazendo impactos negativos ao meio ambiente e à urbanização viçosense de maneira visível, pois muitas empreiteiras não respeitam a legislação ou, então, buscam formas de contorná-la.

---

<sup>1</sup> [Pew Internet and American Life Project](http://www.pewinternet.org/): <http://www.pewinternet.org/>



Um dos principais prejuízos à natureza e, conseqüentemente, à população é o emparedamento do Ribeirão São Bartolomeu. Esse curso d'água abastece 70% do município em épocas de cheia e 30% nos períodos de estiagem, e ainda fornece 100% da água utilizada na UFV. Além de o crescimento urbano provocar o estrangulamento do leito, com edificações ocupando áreas indevidas, ele ocasiona também a poluição da água, uma vez que os resíduos provenientes do esgoto são lançados diariamente no ribeirão.

Em alguns períodos do ano, bairros mais afastados são obrigados a fazer racionamento para a região central continuar sendo abastecida. Apesar disso, a Rua dos Estudantes, localizada ao lado do ribeirão e de muitas edificações, costuma ficar sem água por alguns dias ao longo do ano.

Os problemas ambientais decorrentes da urbanização desordenada foram pouco noticiados pelos meios de comunicação locais, e boa parte da população ainda desconhece as irregularidades de inúmeras construções realizadas ou em andamento ao redor do ribeirão. Além disso, os órgãos de fiscalização não tem se mostrado eficientes em suas fiscalizações e sanções.

A partir desse quadro, o presente trabalho, encontrado no endereço [www.com.ufv.br/vicosaurbana](http://www.com.ufv.br/vicosaurbana), se propõe a criar uma grande reportagem na internet para informar os problemas legais e estruturais pelos quais o município de Viçosa está passando. Para isso, foram realizadas entrevistas com especialistas no assunto e com a administração municipal utilizando vários tipos de mídia (foto, áudio e texto). Desse modo, foram mescladas técnicas de reportagem tradicionais com as mais recentes, principalmente no que tange o ambiente da *web*.

A iniciativa do trabalho, bem como as motivações que levaram a proposição do tema, se assemelha a duas grandes reportagens veiculadas na internet. “Isso não é normal”<sup>2</sup>, desenvolvida pela empresa Webcitizen<sup>3</sup>, e “Crônicas de uma catástrofe ambiental”<sup>4</sup>, produzida por Andre Deak, Paulo Fehlauer e Rodrigo Savazoni, retratam os impactos provocados pelas cidades no meio ambiente.

A reportagem, então, cumpre o seu papel de informar a comunidade, e busca atrair maior atenção das pessoas, com o objetivo de pressionar os responsáveis por uma melhor fiscalização. Ao mesmo tempo, a produção dessa reportagem possibilitou a prática experimental e, com isso, garantiu a este acadêmico a oportunidade de utilizar as potencialidades multimídia da *web* para a produção jornalística.

## **Discussão Teórica**

### **2.1 - Jornalismo Digital e Reportagem Multimídia**

As oportunidades que a popularização da internet trouxe para a sociedade não deixaram de englobar a prática jornalística. Em meados da década de 90, o jornalismo digital começou a dar os seus primeiros passos e a ser explorado com maior intensidade pelas empresas de mídia.

A lógica de produção de conteúdo da internet (onde todas as pessoas conectadas podem publicar o que quiserem) e as possibilidades de trabalhar e/ou integrar novas linguagens à narração jornalística levou muitos meios de comunicação a se inserir no ambiente digital. Mielniczuk (2001) identificou três fases para o *webjornalismo*.

A primeira delas, a fase da transposição, inicia justamente nesse período que as empresas de comunicação davam os seus primeiros passos. A nomenclatura que a primeira fase recebeu surgiu devido à maneira como as matérias eram publicadas na internet pelas empresas, ou seja, sem identidade própria, as informações eram meras cópias dos jornais impressos, inclusive incluindo o tempo de atualização, a qual acontecia uma vez por dia seguindo a lógica do fechamento (cf. Mielniczuk, 2001). Para Alves (2006) “a simples transferência do conteúdo de um meio tradicional para outro novo, com pouca ou nenhuma adaptação” foi um erro cometido pela mídia na primeira

---

<sup>2</sup> Isso não é normal: <http://issonaoenormal.com.br/>

<sup>3</sup> Webcitizen: <http://www.webcitizen.com.br/>

<sup>4</sup> Crônicas de uma catastrophe ambiental: <http://www.andredeak.com.br/2009/03/21/making-of-cronica-de-uma-catastrofe-ambiental/>

década do jornalismo digital. Segundo ele, esse processo ficou conhecido nos Estados Unidos como “*shovelware*, um termo que acabou sendo pejorativo, por demonstrar a preguiça e a falta de visão das empresas que se lançavam muito timidamente à *web*”. Alves (2006) ainda aponta uma explicação para essa timidez inicial da mídia.

O medo de canibalizar o meio tradicional e a preocupação em obter lucros imediatos limitaram bastante o ímpeto inovador, mesmo quando os problemas iniciais de acesso (velocidade das conexões, por exemplo) foram sendo eliminados. A utilização de narrativas que aproveitassem o hipertexto e a multimídia foi deixada de lado, enquanto se optava por ficar com o mais fácil: tomar emprestada uma linguagem mais simples, baseada principalmente em texto e na reciclagem de material já usado em outro meio, desperdiçando-se as novas possibilidades narrativas que a Internet oferecia (ALVES, 2001, p. 2).

A segunda fase do jornalismo digital, ainda segundo Mielniczuk (2001), foi intitulada de “Metáfora”. Nela já é possível enxergar iniciativas de aproximação do jornalista com as linguagens digitais e de customização de matérias de acordo com o ambiente *web*, como por meio da utilização de *hiperlinks* no texto.

Quando algumas empresas de jornalismo começaram a dar uma atenção diferenciada para a internet, investindo em sites que não mais reproduziam o conteúdo do impresso, mas sim matérias voltadas para especificamente para o meio online, surge a terceira fase do jornalismo digital (cf. MIELNICZUK, 2001).

Com maior dedicação voltada para os jornais online, foram se aperfeiçoando as linguagens e incorporando novas formas de fazer jornalismo. A “crise de identidade” que pairava nas primeiras iniciativas no meio digital começa a ser substituída a ponto de ser possível caracterizar o jornalismo online, conforme fez Palacios (2003). Para esse autor, o *webjornalismo* pode ser caracterizado pela multimídia/convergência, interatividade, hipertextualidade, personalização e memória.

1. Multimídia/convergência: é a capacidade de se fazer uso de várias linguagens na internet. Muitas matérias são feitas não só com texto (em alguns casos, ele chega a ser excluído), mas também com vídeos, fotos, áudios, etc;
2. Interatividade: hoje, ao ler uma notícia na internet o leitor estabelece uma série de interações proporcionadas pelo ambiente digital. É possível, em muitos casos, trocar e-mails com o jornalista redator de alguma matéria, participar de fóruns a respeito da pauta abordada, “rankear” a matéria, deixar um recado na caixa de comentários ou ainda, em poucos casos, editar o que foi escrito. Além dessas ações, a própria matéria já apresenta elementos interativos, como o hipertexto,

- vídeos, audioslides, infográficos feitos com base de dados, etc;
3. Hipertextualidade: O hipertexto se configura pela utilização de links nas matérias. O link é um recurso que leva o usuário a informações, geralmente complementares, localizadas em outras páginas, permitindo dessa maneira um aprofundamento sobre o assunto abordado e também uma navegação não-linear.
  4. Personalização: é a possibilidade de adequar o conteúdo ao gosto do leitor. Alguns sites de jornalismo permitem que o leitor faça a hierarquização das informações de acordo com os interesses dele. Um exemplo disso é o site do jornal Brasil Econômico<sup>5</sup>, onde há boxes dedicados para vídeos, enquetes, editorias, editorial, versão impressa, entre outros, e que podem ser movidos para todas as direções de acordo com a relevância que tem para quem acessa o portal.
  5. Memória: todo conteúdo publicado na internet fica disponível para os usuários por tempo ilimitado (a não ser que o autor da publicação intervenha). Dessa maneira, as produções jornalísticas colocadas online ficam a disposição do leitor e podem ser encontradas a qualquer momento pelo site onde foi publicado, pelo seu endereço ou então por meio de buscadores como o Google ou o Bing, usados cada vez mais para localizar informações dispersas na rede.

Dessa maneira, as potencialidades da internet atreladas ao jornalismo permitiram – e ainda permitem – que o processo de contar histórias fosse reinventado com o passar dos tempos, formando uma linguagem heterogênea, multiplataforma e própria do *webjornalismo*.

## 2.2 - Reportagem Multimídia

A reportagem é um gênero que, desde o seu princípio, visa um aprofundamento maior do que o encontrado nas notícias. Apesar de anunciar, enunciar, pronunciar e denunciar como a notícia (cf. FERRARI e SODRÉ, 1986), a reportagem tem um caráter mais investigativo, em que “um episódio de restrito interesse só ultrapassará o mero registro se envolto em circunstâncias que conduzirão o leitor a um posicionamento crítico, revelando-lhe ângulos insuspeitados, salientando outros apenas entrevistados (...)” (FERRARI e SODRÉ, 1986, p. 36). Os autores identificam outra característica da reportagem, a diferenciando mais uma vez da notícia.

---

<sup>5</sup>Disponível em <<http://www.brasileconomico.com.br>>. Acessado em 05/12/2010.

Embora a reportagem não prescindia de atualidade, esta não terá o mesmo caráter imediato que determina a notícia, na medida em que a função do texto é diversa: a reportagem oferece detalhamento e contextualização àquilo que já foi anunciado, mesmo que o seu teor seja eminentemente informativo (FERRARI e SODRÉ apud FRANCESCHINI, 2004, p.151).

Em 1986, época que Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari escreveram o livro “*Técnicas de Reportagem – Notas sobre a Narrativa Jornalística*”, a comunicação midiática ainda se baseava principalmente nos meios tradicionais (rádio, TV e impresso), entretanto é possível apropriar os conceitos formulados por ambos nas atuais reportagens multimídia, frutos do contexto de avanços tecnológicos e informacionais propiciado pela internet.

As semelhanças entre a reportagem para o jornalismo impresso e para o jornalismo multimídia, caracterizadas, entre outros fatores, pela investigação e profundidade do conteúdo, esbarram nos limites do suporte. Enquanto o jornal de papel permite o uso de texto e imagem, a internet é capaz de trabalhar com praticamente todas as linguagens. A narrativa não-linear proporcionada pela hipertextualidade, interatividade e multimidialidade contrapõe a lógica de produção de notícia dos jornais impressos. A necessidade do webjornalismo por uma linguagem diferenciada da “pirâmide invertida” (técnica que prioriza o *lead* – o que, como, onde, por que, quem e quando - no início do texto) é apontada por Canavilhas (2006) ao lembrar que o papel tem espaço limitado e por isso os matérias acabam sendo produzidas de uma forma que facilite o corte de conteúdo e as faça caber na página.

Nas edições online o espaço é tendencialmente infinito. Podem fazer-se cortes por razões estilísticas, mas não por questões espaciais. Em lugar de uma notícia fechada entre as quatro margens de uma página, o jornalista pode oferecer novos horizontes imediatos de leitura através de ligações entre pequenos textos e outros elementos multimídia organizados em camadas de informação (Canavilhas, 2006, p. 7).

Para entender melhor o que é uma reportagem multimídia e suas potencialidades, é interessante conhecer o fenômeno “multimídia”, que assim como o webjornalismo, já passou por algumas fases. Carvalho (2002) constata três fases: a primeira “(...) caracteriza-se por dois ou mais formatos, por exemplo, utilizados num curso ou numa sessão, estando cada formato integrado no seu suporte.”, a segunda “(...) mantém a diversidade de formatos e de suportes, mas devido à evolução tecnológica acrescenta o suporte informático”, enquanto “a terceira e última fase combina diferentes

formatos num mesmo documento impõe-se pela interactividade, que caracteriza os documentos multimédia, surgindo a expressão documentos multimédia interactivos”.

Atualmente grande parte do mundo já atingiu a última fase e é a partir dela que as peças multimédia (incluindo as jornalísticas) são pensadas. A possibilidade de trabalhar com texto, vídeo, áudio e foto em um único espaço abre um leque de oportunidades para se criar e recriar conteúdos para o jornalismo, incluindo reportagens.

Sendo a multimídia e o hipertexto partes imanentes da web, o que está dentro dela deve buscar, sempre que possível, utilizá-las. Esse é o caso das reportagens multimédia. Vale, nesse momento, fazer um esforço para diferenciar o que é um especial multimédia e uma reportagem multimédia. Apesar de parecidos (o que leva muitas pessoas a confundi-los), é possível traçar uma diferenciação, bem como Longhi (2009) tenta fazer. Segundo a pesquisadora, os termos “especiais” e “multimédia” são usados para se referir a diferentes formatos, todos eles com uma mesma característica:

A presença de elementos multimédia, integrados ou não, tais como texto, som e imagem, em movimento ou estáticas (...). Os chamados ‘especiais multimédia’ reúnem em um mesmo ambiente a linguagem textual, sonora e visual, constituindo-se em formatos noticiosos completos, com autonomia enunciativa (LONGHI, 2009).

Já a reportagem multimédia pode ser classificada como a reconfiguração do formato da reportagem do impresso no webjornalismo, com as possibilidades do hipertexto, da interatividade e da não-sequencialidade. Nas palavras de Longhi (2009), a reportagem multimédia é conceituada como uma “grande reportagem constituída por formatos de linguagem multimédia convergentes, integrando gêneros como a entrevista, o documentário, a infografia, a opinião, a crítica, a pesquisa, dentre outros, num único pacote de informação, interativo e multilinear”.

Essas reportagens para web apresentam duas denominações, a de “multimédia por justaposição” e a por “integração” (cf. LONGHI, 2009). A primeira se refere aquelas produções cujo conteúdo foi pensado individualmente, como elementos produzidos separadamente e que foram postos num mesmo espaço por abordarem informações de um mesmo assunto. A segunda, por sua vez, baseia-se em uma peça fechada, cujos componentes que a integram são pensados antes de sua realização para se complementarem e trazerem informações que não são repetitivas para os usuários.

Uma possibilidade de “multimédia por integração” são os “audioslides”, também chamados no Brasil de “Histórias Fotográficas”. Esse recurso permite que se faça a edição de um conteúdo em áudio e depois o sincronize com imagens. São, portanto,



slides com áudio. Os audioslides podem ser produzidos de maneira simples (casando áudio e imagem) ou então com recursos como a legenda, dependendo do programa usado.

Pode-se citar dois casos emblemáticos de reportagem multimídia. A reportagem “Crônicas de uma catástrofe ambiental<sup>2</sup>”, de autoria de André Deak, Paulo Fehlauer e Rodrigo Savazoni e publicada em 2009, é uma das pioneiras do gênero no Brasil. Nela os autores mostram os impactos de produtos químicos no Rio Paranaíba, do interior do Rio de Janeiro e a influência disso na vida da comunidade ribeirinha. Além do texto, foram usadas nela fotos, vídeos e um mapa para compor o material final.

Outro bom exemplo é a reportagem “!sso não é normal<sup>3</sup>”, feita pela empresa Webcitizen<sup>4</sup> em parceria com a Cia de Fotos e com o jornal Estadão. Publicada em 2010, essa reportagem foi criada “para discutir as mudanças climáticas no Brasil e as formas de se preparar para elas para minimizar seus efeitos negativos”, como consta na publicação. Nela foram usados textos, vídeos, slides, infográficos e etc.

---

<sup>2</sup>*Making Of* disponível em < <http://www.andredeak.com.br/2009/03/21/making-of-cronica-de-uma-catastrofe-ambiental/> >. Acesso em 11 de novembro de 2010.

<sup>3</sup>Disponível em < <http://www.issonaoenormal.com.br/> >. Acesso em 11 de novembro de 2010.

<sup>4</sup>Disponível em < <http://www.webcitizen.com.br/> >. Acesso em 11 de novembro de 2010.

### **3. Relatório Técnico**

A elaboração da reportagem multimídia “O conflito entre a urbanização de Viçosa e o Ribeirão São Bartolomeu” foi desenvolvida com o intuito de levantar um debate a cerca do processo de urbanização que Viçosa passa, expôr à população da cidade os problemas que o ribeirão tem enfrentado ao longo dos anos, mostrar que ela corre riscos com isso e, por fim, evidenciar algumas saídas encontradas no Brasil e fora dele.

Para tanto, foi necessário realizar entrevistas com especialistas no assunto e com representantes da administração pública (Instituto de Planejamento do Município de Viçosa e Secretaria de Obras, especificamente). Todas foram gravadas em áudio com o intuito de compor o material que futuramente seria utilizado na reportagem. Para aproveitar a multimídia da internet, foram usados textos, hiperlinks, audioslides, fotografias, um mapa e uma *timeline*.

A parte prática deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) começou deu seus primeiros passos no dia 18 de junho, quando foram tiradas as primeiras fotos de algumas construções de Viçosa. Mas só a partir do início de agosto que teve início uma bateria de entrevistas e de registros fotográficos sobre os problemas do Ribeirão São Bartolomeu.

#### **3.1 - Coleta de Dados**

Para dar início à coleta de dados, aproveitei a oportunidade de estar com uma câmera Sony H20 emprestada e tirei as primeiras fotos de obras na região central de Viçosa – foco do trabalho – enquanto ia para o Laboratório de Comunicação Social localizado na Vila Giannetti. Os registros dessas fotos aconteceram no dia 16 de junho de 2010.

Dois dias depois, enquanto passava pela Rua dos Estudantes para voltar para casa, decidi parar para tirar mais fotos do local. Depois de coletar uma boa quantidade de imagens, fui abordado por um dos funcionários das obras, o qual perguntou o que eu estava fazendo e se eu era da prefeitura. Como me identifiquei como estudante da UFV, ele agradeceu e foi embora.

Durante as férias fui a uma reunião marcada no Bar DCE da Universidade Federal de Viçosa entre o aluno de Comunicação Social/ Jornalismo Elder Gomes Barbosa, o aluno do curso de Arquitetura e Urbanismo Fernando e o arquiteto e urbanista Aguinaldo Pacheco. Eles se reuniram para debater a urbanização de Viçosa, os interesses de alguns vereadores por trás do programa “Minha Casa, Minha Vida”, da Caixa Econômica Federal e tentar fomentar um grupo de estudos e de iniciativas mais práticas contra os problemas apontados. Na época fiquei apenas como ouvinte para me situar melhor no debate que viria a ser o tema do meu trabalho de final de curso. Terminada a reunião, me dirigi até Aguinaldo Pacheco para me apresentar “oficialmente”, falar sobre o meu TCC e pegar os contatos dele. Além disso, conversei com Fernando, que me indicou um livro para entender o processo de especulação urbana das cidades.

Ainda nas férias, fui fazer a cinegrafia de uma reportagem para a TV Viçosa que falava sobre problemas de urbanização de Viçosa. Acompanhado dos meus colegas de curso e de estágio Pedro Ivo Nunes e Fernanda Pônzio, fui até o Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Viçosa entrevistar o professor Ítalo Stephan, grande conhecedor dos problemas de urbanização que a cidade enfrenta. Ao terminar a entrevista, fiz como na ocasião com Aguinaldo Pacheco: me dirigi ao professor, expliquei a intenção do meu TCC e peguei o cartão dele para um futuro contato.

Antes de voltar as aulas optei por me inscrever na disciplina optativa “Fotografia Urbana”, oferecida pelo professor de fotojornalismo Erivam Oliveira. A intenção era conhecer melhor imagens feitas da zona urbana e aproveitar as aulas práticas para poder tirar as fotografias que seriam necessárias para meu trabalho.

Depois das primeiras aulas da disciplina Temas da Cibercultura, eu e meu orientador chegamos a um consenso sobre quem deveriam ser os entrevistados, a abordagem, as ferramentas a serem usadas e possíveis pautas.

A partir, tirei vários dias para fazer um mapeamento fotográfico da área central da cidade e marquei algumas entrevistas.

### **3.1.1 - Entrevistas**

As entrevistas realizadas nesse trabalho serviram para me embasar sobre assuntos complexos sobre a urbanização, Viçosa, o Ribeirão São Bartolomeu e a história de todo o processo de urbanização. Elas também foram usadas nos audioslides para complementar a reportagem multimídia. Segue a baixo um resumo das entrevistas, dispostas na ordem em ordem alfabética.

#### **A) Aguinaldo Pacheco**

O arquiteto e urbanista Aguinaldo Pacheco, morador de Viçosa a mais de 40 anos, foi o primeiro a ser entrevistado. O encontro foi marcado via e-mail e realizado no dia 24 de agosto, às 1630h, na cafeteria da Livraria UFV, localizada no campus universitário. Dei uma volta pela livraria e encontrei com o Aguinaldo. Sentamos em uma mesa localizada no canto da área externa da cafeteria, onde preparei o equipamento (caderno, máquina fotográfica e gravador) para realizar a entrevista. A entrevista durou 30 minutos.

Começamos falando sobre o Plano Diretor da cidade, criado em 2000. Aguinaldo explicou a função desse plano, contou que uma revisão dele estava parada na câmara e falou um pouco sobre o interesse do empresariado. Depois foi a vez dele me explicar o que era o Estatuto da Cidade (lei federal sancionado em 2001). A última lei que conversamos sobre foi o Código Florestal, em vigor desde 1967 e que foi ignorado por uma das leis municipais de Viçosa, como o próprio Aguinaldo Pacheco explicou.

Ele abordou questões polêmicas durante a entrevista, como a derrubada do código de obras em 1978, época que ele ainda era Secretário de Obras, o interesse de empreiteiros e a especulação imobiliária por trás do descaso com a urbanização do município. Segundo ele, nunca ninguém foi na sala dele para pedir pra fazer algo melhor que a lei, mas só para burlá-la.

Mais ao fim da entrevista, Aguinaldo Pacheco apontou obras irregulares na cidade e também na universidade. A própria biblioteca da UFV foi construída em cima de um córrego afluente do São Bartolomeu (estávamos exatamente em cima do córrego, segundo ele).

Por fim, o entrevistado falou sobre as mitigações feitas para poder construir em áreas não permitidas e passou o blog<sup>3</sup> sobre Viçosa que ele sustenta. A entrevista foi fundamental para orientar futuras entrevistas para o TCC.

## **B) Edson Bhering**

A entrevista com o Secretário de Obras de Viçosa, Edson Bhering Fialho, foi marcada por meio de um telefonema. O local foi a sala dele na Secretaria de Obras, localizada no Colégio de Viçosa. Apesar do horário combinado ter sido 14h, o secretário só apareceu em sua sala para a entrevista às 17h, momento em que ele chegou de uma viagem a trabalho. A entrevista durou 8 minutos.

Edson Bhering explicou o papel do Iplam e da Secretaria de Obras na urbanização de Viçosa. O primeiro é o responsável por planejar toda a cidade. Segundo o secretário, a hierarquia da cidade é definida pela prefeitura em primeiro lugar, pelo Iplam em segundo e pelas secretarias em terceiro. A Secretaria de Obras tem a função de executar, após aprovação do Iplam, obras públicas, além de fiscalizá-las. Quem fiscalizaria as obras particulares seria o Iplam.

O secretário falou sobre a invasão que está acontecendo nos ribeirões da cidade, contou de uma enchente que levantou os trilhos de trem da Rua dos Estudantes e comentou casos emblemáticos de desrespeito ao meio ambiente, como a construção do Carandiru em cima (literalmente) do ribeirão São Bartolomeu.

## **C) Ítalo Stephan**

Antes de fazer a entrevista no dia 14 de setembro, fui consultar o professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DAU) Ítalo Stephan no dia 30 de outubro para ter um norte na execução do trabalho, conhecer leis, bibliografias e pegar contatos de outras pessoas que poderiam me ajudar. Nessa data, marcamos a entrevista para o dia 13 de setembro, quando eu já teria voltado do Intercom Nacional, que aconteceu em Caxias do Sul – RS. A entrevista durou 15 minutos.

No dia 13 o professor teve uma reunião e não pôde me atender. No mesmo dia entrei em contato com ele por telefone e negocieei uma nova reunião (ele, até então, só me atendia nas segundas-feiras). Nos encontramos no dia seguinte (14), às 16h, na sala dele localizada no DAU.

---

<sup>3</sup>Disponível em < <http://vicosacidadeaberta.blogspot.com/> >. Acesso em 12 de novembro de 2010.

As mesmas perguntas feitas para o arquiteto Aguinaldo Pacheco foram feitas para o professor Ítalo. Passamos pelos assuntos legais, pelo mercado imobiliário viçosense, pela especulação, pelo São Bartolomeu e algumas infrações recorrentes de obras recentes. O professor ainda apontou algumas soluções para o final da entrevista, enfatizando que para revirar a atual situação de Viçosa, seria necessário um trabalho de décadas.

#### **D) José Carlos Bohnenberger**

O professor do Departamento de Engenharia Civil da Universidade Federal de Viçosa José Carlos Bohnenberger acabou furando a primeira entrevista. Então marcamos uma outra data, mas também não foi possível realizar a entrevista por causa de outros compromissos do professor. A entrevista só foi acontecer na terceira vez marcada, às 9h, na sala dele localizada no Departamento de Engenharia Civil da UFV. A entrevista durou 23 minutos.

Ao chegar na sala, percebi que não havia levado o gravador de voz. Para não perder a oportunidade, usei o gravador do meu celular. O professor, especialista em Recursos Hídricos, foi indicado pelo professor Ítalo Stephan nas nossas primeiras conversas.

Ele falou da transformação da bacia do São Bartolomeu de rural para urbana e as implicações que isso tinha para a cidade. Ele citou a importância de se cuidar das nascentes, área que a está começando a ser tomada – em menores proporções, se comparado com o centro – por construções.

José Carlos Bohnenberger afirmou ser difícil melhorar a situação do São Bartolomeu tendo em vista a força que a especulação imobiliária tem. Ele ainda falou sobre o risco de enchente e seus danos aos prédios localizados entre a rodoviária e a universidade. Segundo ele, as obras instaladas nesse perímetro correm risco pois estão dentro do reservatório de água do ribeirão.

Como bons exemplos de cidades que cuidaram de seus rios, ele citou São João del Rei - MG. Como mau exemplo – além de Viçosa – ele lembrou de Ponte Nova - MG. O professor disse que uma das soluções seria o investimento na educação para educar os futuros cidadãos de Viçosa. Outra solução, de caráter mais prático, seria proteger as nascentes, pois é lá que os cursos de água surgem. Por fim, o professor se mostrou desacreditado com essa questão da água, pois ela é debatida desde os anos 70 e mesmo assim não são alcançados resultados efetivos.

### **E) Lutércia de Oliveira**

Indicada por Aguinaldo Pacheco, a chefe do Departamento de Planejamento Lutércia de Oliveira foi a representante do Instituto de Planejamento do Município de Viçosa (Iplam) que me concedeu a entrevista que aconteceu nas dependências do Iplam. A princípio, tivemos uma conversa sobre o meu Trabalho de Conclusão de Curso e a urbanização de Viçosa. Quando pedi para começar a gravar, ela ficou meio relutante, mas depois de um tempo cedeu. O tempo de duração foi de 17 minutos.

Durante a entrevista ela falou da reformulação e revisão do Plano Diretor da cidade que eles tiveram que fazer por exigência do Estatuto da Cidade, lei federal criada em 2001. Como o Plano Diretor revisado ainda está tramitando na Câmara Municipal, Lutércia afirmou existe a possibilidade do município não conseguir captar verbas para algumas secretarias por não estar com a lei adequada ao exigido pelo Governo Federal.

Segundo Lutércia de Oliveira, há muito descaso na cidade em relação a algumas obras. Muitos projetos de obra que chegam até ela são absurdos. Ela diz que os empreiteiros fazem a parte dele, que é correr atrás do lucro deles e que quem devem fiscalizar e negar as obras problemáticas é o próprio Iplam.

Outro ponto marcante da conversa foi a constatação de que a cidade virou as costas para o ribeirão. Dessa forma, ele é visto e tratado como esgoto pelas pessoas. A chefe do Departamento de Planejamento do Iplam ainda afirmou que acredita em uma enchente, principalmente quando ela vê que uma pequena chuva aumenta o fluxo de água do ribeirão que passa em baixo do prédio onde o Instituto está localizado.

Lutércia de Oliveira explicou que o Iplam, apesar de ter a função de planejar toda a cidade, está apenas aprovando ou não projetos (afirmação que chegou a ser feita pelo Secretário de Obras). De acordo com ela, isso está acontecendo porque a demanda de lá é muito grande e que para dar conta, seria necessária uma quantidade de funcionários bem maior do que a atual.

A entrevistada contou algumas informações em *off* durante a entrevista. Essas informações não foram utilizadas no trabalho em respeito à fonte.

### **F) Osvaldo Valente**

Fiquei duas semanas tentando encontrar um horário disponível com o professor aposentado Osvaldo Valente, especialista em Hidrologia e Manejo de Pequenas Bacias hidrográficas e gestor do Programa de Proteção e Recuperação de Nascentes financiado

pelo FHIDRO (Fundo de Recuperação, Proteção e Desenvolvimento Sustentável das Bacias Hidrográficas do Estado de Minas Gerais). A indicação da entrevista veio da assessoria de comunicação do Serviço Autônomo de Água e Esgoto (SAAE) de Viçosa. A entrevista foi marcada, enfim, para o dia 24 de setembro, às 9h, na casa do professor.

O professor falou sobre a importância do São Bartolomeu para a cidade, dizendo que cerca de 60 a 70% da água do município vêm da bacia desse ribeirão. Ele também contou do Programa de Revitalização de Nascentes que participa em parceria com o SAAE. Segundo Osvaldo Valente, apesar do programa funcionar, ele ainda trabalha com uma parte muito pequena da bacia (cerca de 100 hectares de 3 mil). Além de ações ao longo das nascentes, os integrantes do projeto conversam com os moradores da Zona Rural que vivem próximos com o intuito de conscientizá-los e evitar construções muito próximas a elas.

### **G) Rafael Bastos**

A princípio a entrevista com o chefe da Divisão de Água e Esgoto da Universidade Federal de Viçosa, Rafael Kopschitz Bastos, foi marcada para o dia 27 de setembro. Entretanto o professor teve que desmarcá-la devido a um compromisso inesperado. Dessa forma, remarcamos para quarta-feira, às 18h, na Divisão de Água e Esgoto (DAG) da UFV.

O problema que enfrentei foi que nesse horário eu já estaria em viagem. Para não perder a entrevista, preparei um roteiro de perguntas e repassei para meu colega de sala Pedro Ivo Nunes realizá-la no meu lugar.

Na entrevista Rafael Bastos salienta que não existem políticas efetivas de preservação das nascentes e que agora a especulação imobiliária está começando a chegar lá. Segundo ele, a legislação é clara o suficiente, por isso quem tem grande culpa em tudo o que está acontecendo é a administração pública, que deixa passar um monte de irregularidades.

Outro ponto interessante é a fala de que os cidadãos tem o papel de fazer pressão social para não deixar que casos como a construção do Carandiru (prédio instalado em cima do ribeirão São Bartolomeu) aconteça. Ele conta que a ameaça que o São Bartolomeu passa hoje não é um problema recente, pois um movimento de algumas pessoas em Viçosa já anunciou isso há 20 anos.

A entrevista foi enviada pela internet. Sua duração é de 26 minutos.



### **3.1.2 - Arquivos**

#### **A) Arquivos pessoais de Aguinaldo Pacheco**

O primeiro entrevistado deste Trabalho de Conclusão de Curso, Aguinaldo Pacheco, também foi o primeiro a me fornecer uma grande quantidade de documentos digitais. No final da entrevista realizada na cafeteria da Livraria UFV, perguntei se ele teria alguma foto para me passar. Além de liberar o uso das fotos publicadas no blog dele, pegou meu pendrive para carregá-lo de fotos que ele tinha no computador que estava em sua casa. Marcamos de nos encontrar no dia seguinte no calçadão. Lá, recebi o pendrive repleto de fotos e vídeos sobre Viçosa, o São Bartolomeu, o Carandiru, o condomínio Ecolife (também chamado de Ecomorte) e sobre a rua Tancredo Neves, lugar crítico para o São Bartolomeu devido ao emparedamento feito por prédios e ao esgoto clandestino que muitas casas jogam no curso de água.

Quando eu não estava morando mais em Viçosa, Aguinaldo Pacheco ainda me mandou fotos da enchente do Rio Turvo Sujo (o qual o São Bartolomeu é afluente) no dia 16 de outubro, e fotos antigas de Viçosa no 25 do mesmo mês.

#### **B) SAAE**

Por meio de um aluno do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFV consegui alguns arquivos cujos direitos autorais pertencem ao Serviços Autônomo de Água e Esgoto (SAAE). Além de fotos aleatórias de Viçosa, uma imagem em especial chamou a atenção: uma foto de Viçosa tirada por satélite. Ela permite visualizar todo o território da cidade com um nível de detalhamento considerável.

Conversei com a assessoria de comunicação do SAAE para saber se era possível usar os documentos usados. A própria assessoria depois me enviou algumas fotos de nascentes, da captação de água na UFV e da zona rural de Viçosa. Apesar de ter ouvido um sim da assessoria, no momento de edição do inseguro em relação à permissão de uso das imagens (principalmente a de satélite). Liguei para o SAAE e pedi para falar com algum responsável. Fui encaminhado para falar com Sanzio Borges, diretor da autarquia, que depois de me ouvir explicar o o que era o trabalho que eu estava fazendo, deu parecer positivo com a ressalva de que eu deveria dar crédito ao SAAE.

#### **C) Jornal Folha da Mata**

Não recorri a jornais de Viçosa, porém encontrei uma foto publicada na internet de uma enchente na Rua dos Passos que aconteceu em 1928. Por ter sido publicada nesse ano, a Lei do Direito Autoral Brasileira me dá direito de usá-la.

De acordo com a Lei do Direito Autoral Brasileira (Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998;

- Artigo 44: O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação.
- Artigo 96: É de setenta anos o prazo de proteção aos direitos conexos, contados a partir de 1º de janeiro do ano subsequente à fixação, para os fonogramas; à transmissão, para as emissões das empresas de radiodifusão; e à execução e representação pública, para os demais casos.

#### **D) Biblioteca IBGE**

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) tem uma biblioteca online<sup>4</sup> é possível encontrar, entre outros, mapas, fotografias e cartazes de vários locais do país. Ao pesquisar por Viçosa, encontrei quatro fotos datadas em 1948 de autoria de Gilson Costa.

Como o IBGE é um órgão público, o conteúdo disponibilizado por ele pertence ao cidadão brasileiro. Apesar disso, as fotos foram usadas dando os devidos créditos ao IBGE e ao autor.

#### **E) Produção própria**

Durante o segundo semestre de 2010 produzi 3 Gb de registros fotográficos de obras e das principais regiões afetadas pela urbanização, incluindo trechos do Ribeirão São Bartolomeu.

### **3.1.3 - Edição**

Todas as sete entrevistas realizadas neste TCC foram gravadas no formato .mp3 de áudio e editadas com o *software* Adobe Audition 3.0.

A edição de imagens foi feita utilizando o site <http://pixlr.com>, que simula o *software* Adobe Photoshop em qualquer navegador. O navegador usado para acessar o Pixlr foi o Google Chrome.

Para fazer os audioslides, foi utilizado o programa Soundslide Plus versão 1.9.3.

---

<sup>4</sup>Disponível em <<http://biblioteca.ibge.gov.br/>>. Acesso em 12 de novembro de 2010.

## 3.2 - Construção do site

### 3.2.1 - Hospedagem

A princípio seria necessário pagar um servidor para hospedar o trabalho na internet e pagar um domínio específico, mas como o Hostgator – atual servidor do site<sup>5</sup> do curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV – permite a criação de subdomínios ilimitados, optei por fazer todo o projeto experimental hospedado nele.

O subdomínio “[www.com.ufv.br/vicosaurbana](http://www.com.ufv.br/vicosaurbana)” foi escolhido por se adequar a proposta da reportagem, que é a de expor alguns impactos da urbanização de Viçosa no Ribeirão São Bartolomeu. Além disso, optei por um nome curto e de fácil memorização.

### 3.2.2 - Ferramentas

A reportagem multimídia foi desenvolvida utilizando um Sistema Gerenciador de Conteúdo (CMS, ou *Content Management System* em inglês). O uso desse tipo de sistema é cada vez mais comum, seja para criar blog, sites, portais, intranets ou as próprias reportagens multimídias. A popularização dos CMSs se deu pela facilidade que ele proporciona de criar e publicar conteúdo, pois ele não exige conhecimento aprofundado de linguagens de programação como a linguagem HTML. Quando foi pensada, a reportagem seria construída usando o CMS gratuito Joomla!<sup>6</sup>, mas devido a falta de *templates* (responsáveis pelo visual do site) que se ajustassem à proposta da reportagem, mudei para o CMS Wordpress<sup>7</sup>, que também é gratuito. A versão usada foi a 3.0.1.

Com o Wordpress instalado no servidor do site do curso, o próximo passo foi definir o *template* da reportagem. A opção que mais me identifiquei se chama “tanzaku 1.1.1<sup>8</sup>”. A forma como ela dispõe as publicações na página de entrada e a coluna larga foi um diferencial que influenciou a selecioná-lo.

---

<sup>5</sup>Disponível em <<http://www.com.ufv.br/>>. Acesso em 12 de novembro de 2010.

<sup>6</sup>Software disponível para *download* grátis em <<http://www.joomla.org/download.html>>.

<sup>7</sup>Software disponível para *download* grátis em <<http://wordpress.org/download/>>.

<sup>8</sup> Tema disponível para *download* em <<http://www.tripleships.com/works/tanzaku/>>

Os audioslides criados com o programa Soundslide Plus foram enviados, via FTP, para o servidor do site do curso de comunicação, onde a reportagem está hospedada.

### **3.2.3 - Conteúdo**

O conteúdo da reportagem multimídia foi dividido em quatro categorias: E a lei?, É possível melhorar?, Problemas para o ribeirão, problemas para Viçosa e por fim, Viçosa e o São Bartolomeu.

Essa lógica supre a proposta da reportagem, pois o conteúdo publicado nela não necessita de uma organização complexa, visto que foram feitos apenas cinco *posts*.

Cada categoria aborda as seguintes temáticas:

- E a lei?: as leis que envolvem o meio ambiente e o urbanismo de Viçosa. Infrações mais comuns e o desrespeito que vem enfrentando ao longo da história da cidade.
- É possível melhorar?: exemplos de soluções de pequeno e grande porte feitas no Brasil e no mundo.
- Problemas para o ribeirão, problemas para Viçosa: os problemas que ameaçam o ribeirão e as consequências que Viçosa pode enfrentar.
- Viçosa e o São Bartolomeu: um pouco da história, da importância e das condições do São Bartolomeu e de Viçosa.

Também foi criada uma página chamada “Sobre” para o usuário acessar as informações gerais sobre o que é a reportagem multimídia.

Na página de entrada do site aparecem cinco posts (cada um em um box). São eles os responsáveis pela navegação na reportagem. Optei por colocar foto na maioria para chamar atenção, um título e uma chamada, ambos para situar e convidar os leitores sobre os assuntos que serão abordados.

Abaixo segue a reprodução da página inicial do site:



**Figura 1:** Reprodução da página inicial da reportagem multimídia

## 4. Conclusões

O meio ambiente nunca foi tão debatido quanto nas últimas décadas, assim como a necessidade de se racionalizar algumas ações antrópicas para não haver impactos negativos na sociedade a longo prazo.

Por outro lado, observa-se que o discurso não se coaduna com a prática, e por isso os recursos naturais continuam sendo usados, em grande parte, sem uma logística que permita a sua renovação.

A prática do jornalismo pode ajudar, em muitos casos, a mostrar o que está escondido, a informar quem não está informado e a suscitar o debate sobre certos hábitos cotidianos. Dessa maneira, ele pode (e deve) ser usado em temáticas esquecidas, mas que continuam sendo importantes para todos. Esse é o caso dos problemas que o Ribeirão São Bartolomeu vem enfrentando há décadas. O descaso, a conivência, a apatia e a desinformação em relação à especulação imobiliária de Viçosa estão degradando a sua principal fonte de água.

Utilizar as potencialidades de uma reportagem multimídia é um dos caminhos para transmitir ao leitor/usuário uma informação com qualidade e aprofundada, problematizando uma pauta um tanto quanto esquecida entre os viçosenses.

Dessa forma, este projeto visou não só informar o usuário, mas também experimentar linguagens pouco utilizadas para fazer isso. Unir as técnicas de reportagem mais tradicionais às novas e participar ativamente do processo de elaboração de um site são experiências valiosas para um (futuro) jornalista que vive nos tempo da internet, da convergência de mídias e da *web 2.0*.

## Referências Bibliográficas

ALVES, Rosental Calmon. **Jornalismo digital: Dez anos de Web...e a revolução continua.** Conferência proferida nas jornadas “Dez Anos de Jornalismo Digital em Portugal – Estado da Arte e Cenários Futuros” ([www.dezanos.blogspot.com](http://www.dezanos.blogspot.com)), organizadas pelo projecto Mediascópio, do Centro de Estudos de Comunicação Sociedade da Universidade do Minho, Braga (Portugal), 02 de junho/2005.

CANAVILHAS, J. **Webjornalismo: da pirâmide invertida à pirâmide deitada.** Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf> > Acesso em: 11 nov. de 2010

CARDOSO, Gustavo. **Da comunicação em massa à comunicação em rede: modelos comunicacionais e a sociedade de informação.** In: MORAES, Denis de (org.). *Mutações do visível: da comunicação de massa à comunicação em rede.* Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2010.

CARVALHO, Ana Amélia Amorim. **Multimédia: um conceito em evolução.** Revista Portuguesa de Educação, Universidade do Minho, Braga, Portugal, ano/vol 15, pp. 245-268, 2002.

GHEDIN, Rodrigo. **Internet supera jornais de papel como meio informativo.** Disponível em: <http://meiobit.com/39010/internet-supera-jornais-de-papel-como-meio-informativo/>. Acesso em: 11 nov. 2010.

LAGE, N. **A estrutura da notícia.** 5. ed. São Paulo: Ática, 1999, p. 61.

LONGHI, Raquel Ritter. **Os nomes das coisas: em busca do especial multimídia.** In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009, Curitiba.

MIELNICZUK, Luciana. **Características e implicações do jornalismo na Web.** Trabalho apresentado no II Congresso da SOPCOM. Lisboa, 2001.

FERRARI, Maria Helena. SODRÉ, Muniz. **Técnica de reportagem.** São Paulo: Summus, 1986, p. 18.

FRANCESCHINI, Felipe. **Notícia e Reportagem: sutis diferenças.** In: Revista Comum, Rio de Janeiro, v.9, n.22, jan.-jun., 2004, p.144-155.

PALACIOS, M. **Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo online: o lugar da Memória.** In: MACHADO, E.; PALACIOS, M. (Org.). *Modelos de Jornalismo Digital.* Salvador: Edições GJOL, Editora Salamandra, 2003. p. 15 – ...

RIBAS, B. **O contexto digital e os gêneros jornalísticos:** considerações sobre a retórica da narrativa na web. In: IV Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo - SBPJor, 2006, Porto Alegre. Anais... Disponível em: <[http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2006\\_ribas\\_sbpjor\\_portoalegre\\_narrativa.pdf](http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2006_ribas_sbpjor_portoalegre_narrativa.pdf)> Acesso em: 11 nov. 2010.